

CARTA ABERTA DAS ENTIDADES ESTUDANTIS DA EFLCH SOBRE A REFORMA DO CAZÃO

O prédio do CAZÃO, agora em discussão, assim como os debates sobre espaços de sociabilidade e autonomia estudantil atravessa as lutas históricas do movimento estudantil da EFLCH. Para além dos acúmulos que ocorreram nas experiências grevistas e de mobilização nos últimos anos, também foi organizada pelas entidades de base uma campanha, ano passado, que retomava exatamente essas discussões. Acreditávamos que para além da necessidade real da concretização dessas reivindicações, precisávamos que os estudantes, assim como, toda comunidade acadêmica fizessem parte ativamente do processo de tomada de decisão e se engajassem sobre o futuro de um espaço coletivo tão importante, os cenários de pandemia e isolamento social impediram que, neste ano, a campanha fosse continuada e as discussões tivessem a qualidade ideal.

Gostaríamos que fosse considerado nosso empenho para que os próprios estudantes soubessem da existência de um prédio inutilizado à tantos anos, cujos nome e história estão num eterno movimento de tentativa de apagamento. Durante a pandemia, os Centros Acadêmicos receberam as plantas do prédio e repasses de que a reforma aconteceria e, apesar de termos participado de reuniões com o arquiteto da UNIFESP, diferente do que nos foi e nos é dito a todo momento, essa construção foi sim atropelada e unilateral.

Quando nos foi apresentado o projeto com a demolição de duas partes importantes do prédio, nossa recusa foi imediata. Ora, se brigamos e pedimos por espaço, como seria satisfatória a retirada dele? É reafirmado o tempo inteiro que ganharíamos espaço de qualquer forma, mas essa lógica compara o espaço demolido com o espaço atual, cujo espaço já é extremamente reduzido para o uso ao qual é atualmente direcionado. Receber menos do que precisamos e TEMOS A POSSIBILIDADE não é a melhor opção só porque já é mais do que o pouco que temos.

Ainda assim, nos foi dada a “possibilidade” de contribuir com o debate construindo nossos próprios projetos. Nós, estudantes que nunca passamos na frente de uma faculdade de arquitetura. A possibilidade de ação só é verdadeira quando temos condições concretas de construir a ação. Perguntamos: Essa possibilidade nos foi dada realmente?

Tentamos. Construimos alguns projetos em cima do que nos foi apresentado pelo arquiteto Pedro, realocando espaços, contando com menos ou nenhuma demolição, refazendo-o diversas vezes a cada nova informação que chegava sobre legislações, questões técnicas a serem cumpridas, dimensões que não conhecíamos. E como seria possível conhecê-las? A maioria de nós nunca pôde ter acesso à integralidade do espaço e nenhum de nós tem conhecimentos técnicos na área. ~~É muito fácil ganhar um jogo desigual, não?!~~

Enfim, todos os nossos projetos foram recusados no CEFIAI e isso não foi dado pela impossibilidade da execução de todas as nossas propostas. Em reunião com o Pedro, o mesmo nos disse que diversos projetos seriam possíveis, diversas configurações poderiam ser tomadas, mas aquela foi a qual ele chegou com o tempo que teve.

Em algum momento, essa discussão esteve realmente aberta para nós?

Nessa mesma reunião, entrando em aspectos mais específicos, perguntamos da possibilidade de manter a parte do prédio que o próprio arquiteto chama de “Nariz”, é a parte que dá para a rua, ao lado da guarita da UNIFESP. Perguntamos se a demolição daquele espaço se daria por questões estruturais, como foi indicado em relação ao puxadinho. A resposta foi clara: Não existem questões estruturais que comprometam o Nariz, a demolição seria feita, principalmente, por questões estéticas, para a integralização de prédio, de forma que fosse perceptível que aquela construção é parte integrante da Unifesp, além de possibilitar maior facilidade na vigilância e um acesso diferente, através da rampa. Por sua vez, a rampa não é para acessibilidade de pessoas com deficiência, até porque sua inclinação é maior do que a permitida. Essa, existiria por simples questão de mais um acesso.



Imagem 1: marcado em vermelho é o que estamos chamando de “nariz”.

Nós, maiores interessados naquele espaço, não nos importamos em andar de uma entrada à outra, não nos importamos com o aspecto, segundo palavras do arquiteto, “de favelinha” que aquela estrutura tem, entendemos que não há necessidade de mais um acesso e que não existem, até hoje, problemas de segurança causados pela falta de visibilidade daquela área. Outros existiram, por distintas imputações, essa jamais foi uma.

Dessa forma, **pedimos que seja reavaliada a possibilidade da manutenção do “nariz”**, porque mesmo que alguns precisem ver beleza naquele prédio, nós precisamos da funcionalidade que ele nos oferece. Considerando, então, o tamanho da categoria discente, sua heterogeneidade e organização através de diversas entidades, coletivos e núcleos, a

garantia de no mínimo mais quatro salas (2 no térreo e 2 no primeiro andar) proporcionará a ocupação deste espaço pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), Núcleo de Pais e Mães da Unifesp (NPMU) e redistribuição do espaço dos centros acadêmicos.

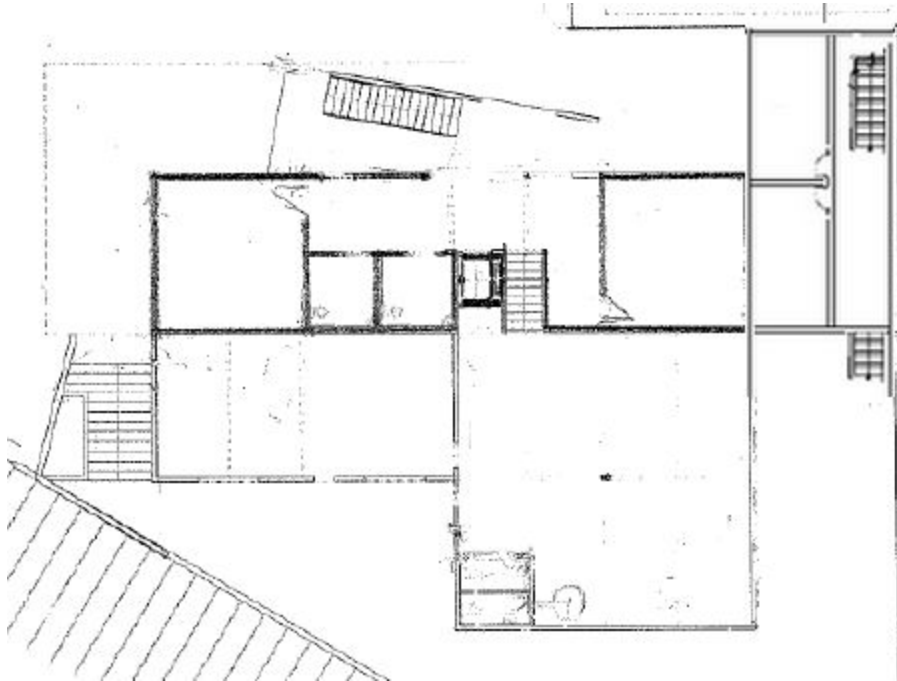


Imagem 2: colagem feita considerando a parte contida no projeto atual com a manutenção do "nariz".

Gostaríamos também de **solicitar o relatório do corpo de bombeiros** que condena tão incisivamente o puxadinho, uma vez que a readequação daquele espaço jamais foi cogitada em detrimento da demolição. Seria interessante, portanto, fazer uma reanálise sobre essa questão, entendendo que a utilização de alguns materiais que fortificassem aquela estrutura não ficariam tão caros.

E entrando no mérito da verba, gostaríamos de ser informados sobre valores. Quanto será gasto nessa reforma? Quanto custaria a demolição? Quanto seria a aplicação do projeto apresentado?

São muitas informações importantes às quais não temos acesso. São muitas perguntas feitas cujas respostas são voltas e mais voltas em torno de uma questão nunca perguntada. Sabemos que os prazos estão apertados, mas nós jamais nos opusemos a construir ou colaborar, pelo contrário, nos colocamos para isso, mas estamos sendo excluídos de um processo que nos atinge diretamente.

Como faríamos as modificações necessárias se nunca tivemos acesso ao documento original? Como era esperado de nós um projeto arquitetônico se não somos profissionais da área e nunca tivemos sequer acesso às medidas? Como poderíamos saber que o projeto

de 2015 não poderia servir de exemplo porque foi feito sem medidas exatas? Como poderíamos produzir sem condições mínimas de produção?

Nos é muito estranho que dentre tantas possibilidades de diferentes projetos, como disse o próprio Pedro, nos seja apresentada apenas uma, com a demolição como única perspectiva. Portanto, **propomos a manutenção do “nariz” do prédio**, sendo necessário então a adequação do projeto atual pela CEFIAI. O projeto precisa ser pensado a fim de abarcar as nossas demandas e não apenas questões estéticas, secundárias para nós. Queremos que a comunidade acadêmica possa escolher a melhor opção possível e não a única apresentada.

Guarulhos, 02 de Setembro de 2020

Assinam esta carta:

Centro Acadêmico de Ciências Sociais Helenira Rezende - Gestão Reerguer e Lutar

Centro Acadêmico de História - Gestão Ressurgência ?

Centro Acadêmico de Letras - Gestão Pró-caz

Centro Acadêmico de Filosofia

Centro Acadêmico de História da Arte